(de)CODE, (de)COMPOSITION and the Seed of Doubt.

O Código. Linguagem Universal. Poesia. A gramática das obras decomposta. Descodificar algo com ritmo próprio. Algoritmo. Geometria de formas primordiais, manchas. Linhas são citadas pelo minimalismo enquanto outras, aparentemente desorganizadas, demonstram a sua natureza rebelde, mas íntegra. Essas linhas abstractas pedem incessantemente horizonte para pousar o olhar, mas o brutalismo do movimento e a sua verdade estrutural inquieta esse descansar (a semente da dúvida )

Um óleo sobre tela revela uma paisagem figurativa logo à chegada. Será a paisagem a verdadeira matriz e código da abstracção patente ou apenas um estímulo premeditado da autora. A reacção será sempre uma condição que pertence ao receptor e ao seu acervo emocional – experiencial. Corresponde a decisões tomadas no passado que nos ditam o que vemos no presente que se presenteia. E quando o presente manipulado contagia o passado e o próprio futuro?

Uma imagem contamina mais do que mil palavras.

(...) sussurra-se então melodia em forma de conselho e a calma daquela paisagem inicial é aproveitada como código figurativo para harmonizar a conceptualização.

Descodifica-se os elementos da composição individual como despojamento e nudez da obra. Têm um princípio próprio de incorporação de matéria, quatro arquitecturas, quatro elementos. Na ausência de outro termo dá-se uma metempsicose. Ao encontrarem-se transmigram-se, somam-se, multiplicam-

-se, acrescentam-se, compõem-se, elevam-se mas não remigram no ciclo. O bug, no processo de união, não é erro, é descoberta e recriação. O analógico volta a encontrar o digital.

A ornamentação não existe e a austeridade também não tem propriedade aqui, há sim uma bondade doce no desvendar da magia. A tridimensionalidade RAW da materialidade, com uma existência predestinada ao fim, provoca e faz emergir a lei da transformação onde nada se perde e outra vida começa, outro ciclo. Três volumes: cubo : tetraedro : esfera: lembram pedras para que mãos várias as recoloquem. Símbolos-semente que geram, no olhar contemplativo daquele que participa, um espaço para que conte outras narrativas e se corporalizem impermanências nesta nova paisagem–jardim. Pó que cria atmosfera para cada um se desenhar. O Círculo Mágico dá-se, e o corpo isolado da obra é protegido pela sua trindade de espada na mão. Mão que a criou, mão que a cria continuamente.

A obra é de essência anónima com heterónimos. Este código humano-fractal, infinito, gera naturezas próprias que vão para além da autoria e invitam outros a ampliar criação e mundo. As leis intemporais e eternas mantêm-se. O Código foi descodificado? A Composição decomposta? A Trindade revelada?

Código para um novo ciclo.

SUSANA CHASSE